

**AZEVEDO, Luciene; DALCASTAGNÈ, Regina (Orgs.).**  
***Espaços possíveis na literatura brasileira contemporânea. Porto Alegre: Zouk, 2015.***

Renan Ji

Universidade Federal Fluminense (UFF), Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil.  
rliuji@gmail.com

Recebido em 23 de março de 2015.

Aprovado em 24 de junho de 2015.

Uma coletânea temática de ensaios exige, por parte dos organizadores, um esforço de curadoria que faça agrupamentos e estabeleça relações entre os diversos pontos de vista dos ensaístas. Contudo, ao leitor que se depara com esse vasto universo de leituras, cabe também um esforço curador que atente para as indicações de leitura dos organizadores, mas que estabeleça também ele próprio um guia que se lhe adeque e sirva para referências futuras de pesquisa.

Com relação à coletânea *Espaços possíveis na literatura brasileira contemporânea*, trata-se de literalmente estabelecer um mapeamento dos diversos estudos, o que de certa forma coincide com a intenção destes de localizar, delinear e aprofundar as diversas facetas do espaço na literatura brasileira recente. Nesse sentido, percebe-se, com a coletânea organizada por Regina Dalcastagnè e Luciene Azevedo, que as relações entre espaço e literatura se dão de maneira mais intrincada do que o mero espelhamento ou a representação simbólica de elementos subjacentes à elaboração literária.

Gostaria de pinçar a diferenciação, feita no excelente ensaio de Luis Alberto Brandão, entre lugar e espaço: o primeiro se refere às

molduras contextuais em que se realizam a concretude de personagens e a estrutura de situações ficcionais; já o último, categoria-objeto de toda coletânea *Espaços possíveis...*, diz respeito ao todo compósito e difuso no qual os vários lugares são postos em tensão, concomitância e sobreposição. Essa distinção proposta por Brandão parece embasar um ponto de vista bastante didático e esclarecedor para todos os ensaios subsequentes, e, somando-o ao ensaio de Georg Wink, em que o autor investiga o valor dos “mapas mentais” — cartografias intrínsecas à própria realidade ficcional —, temos talvez um primeiro eixo a partir do qual podemos alocar alguns estudos da coletânea. Tais textos tentariam estabelecer mapeamentos, alocações e deslocamentos, formando em maior ou menor medida os mapas mentais que norteiam ou suportam algumas narrativas da nossa literatura contemporânea.

Em seus respectivos olhares sobre *Passageiro do fim do dia*, de Rubens Figueiredo, Leila Lehnen e Stefania Chiarelli pensam a presença de fluxos dinâmicos no espaço — as chamadas “cartografias móveis” no ensaio de Lehnen — e as projeções metafóricas deste mesmo espaço na experiência conjugada de corpo, leitura e violência, na ótica de Chiarelli. Por outro lado, o espaço como categoria crítica assume outros desdobramentos em análises literárias que desenvolvem uma reflexão geral sobre o desterro. Nessa perspectiva, José Leonardo Tonus fala sobre a figura literária do clandestino como aquele que busca ocupar, deliberadamente, um entrelugar territorial e cultural. Já Maria Isabel Edom Pires, partindo deste mesmo *tópos*, pensa as heranças e as raízes culturais na experiência de expatriação do imigrante. Por fim, pelo viés da sátira, Ângela Maria Dias fala de uma desterritorialização cômica entre os imaginários de Brasil, China e Sudão, empreendida pelo protagonista de *O livro dos mandarins*, de Ricardo Lísias.

No entanto, outra vertente de reflexões sobre o espaço frequenta a coletânea de Dalcastagnè e Azevedo: a que enxerga no espaço um terreno catalisador das diversas forças que atravessam o campo social. Sob esse ponto de vista, o espaço ficcional surge, de acordo com a apresentação das organizadoras, como um espaço que “reflete confrontos e hierarquias sociais e que é, ele próprio, objeto de rivalidade e signo das diferenciações entre grupos e agentes” (AZEVEDO; DALCASTAGNÈ, 2015, p. 11). Configura-se, portanto, um espaço que, para além de uma categoria potente no exercício da crítica literária, torna-se um elemento de reflexão sobre questões sociais e culturais prementes do contemporâneo,

permitindo explicitar suas contradições e injustiças, e vislumbrando muitas vezes outras possibilidades que superem ou contornem as injunções da desigualdade.

Os textos que se alinham a essa visão parecem dar prosseguimento às reflexões teóricas de Roberto Vecchi e Ricardo Barberena acerca, respectivamente, da microfísica do poder de Michel Foucault e das aberturas do contemporâneo catalisadas pelo espaço. Autores como Regina Dalcastagnè, Paulo Thomaz e Anderson da Mata discutem a importante questão das vozes da periferia, assinalando não só o lugar da marginalização social, mas também, felizmente, formas alternativas de resistência, seja através da literatura, seja por meio do ativismo literário do escritor. Dalcastagnè ressalta como as vozes marginalizadas de narradores podem descortinar novas visões sobre a cidade, apontando suas mazelas e equilibrando (mesmo que ligeiramente) as forças sociais que regulam o tecido urbano. Já o ensaio de Thomaz busca delinear o projeto literário de Ferréz, procurando vê-lo no plano estético e produtor, caracterizando um artista que atua não só na criação literária, mas também na sua distribuição e na formação de leitores. Da Mata, por sua vez, numa das proposições mais interessantes da coletânea, problematiza as políticas de incentivo à leitura — regidas muitas vezes por critérios de valor que se alinham à manutenção das desigualdades culturais entre centro e periferia. O ensaísta vislumbra, num episódio de *Ninguém é inocente em São Paulo*, de Ferréz, a possibilidade de construção de um repertório de leituras que não necessariamente confirma uma visão beletrista (e muitas vezes hierárquica) de literatura.

No mais, além de todas essas visões teórico-críticas, o volume ainda abarca uma terceira modalidade do espaço: os lugares que estão em torno das obras literárias. O “campo literário” convive de forma tensa com outros estratos da cultura de massas, como o mercado editorial, a divulgação internacional da literatura brasileira e o culto à personalidade. Sobre este último aspecto, Luciene Azevedo tece considerações sobre a formação literária e profissional do escritor contemporâneo, tomando a carreira de Daniel Galera como caso exemplar. Já Igor Ximenes Graciano procura captar a figura do autor nos volteios e negaceios da escrita literária, entre o biográfico e o autoficcional. Fechando a coletânea, Carmem Villarino Pardo trata dos intercâmbios literários influenciados pelas políticas de diplomacia cultural, e, numa chave pessoal e afetiva, Paloma Vidal busca iluminar e embaralhar as supostas singularidades

entre a produção literária brasileira e argentina, no âmbito das recentes trocas entre os dois países.

Assim, recortando caminhos diferenciados por entre os blocos temáticos de *Espaços possíveis na literatura brasileira contemporânea*, vemos então a formação de uma segunda rede de relações, para além da organização original de Regina Dalcastgnè e Luciene Azevedo. Acredito que a coletânea demande essa estratégia de mapeamento por parte do leitor, especialmente pelo próprio tema que reúne os dezesseis autores. Os ensaios sobre o espaço na literatura podem e devem ser vistos em outros arranjos “espaciais”, com o pesquisador urdindo, ele mesmo, mapas que o orientem nos labirintos do ensaísmo acadêmico e da crítica literária contemporânea.